FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN
NEWSLETTER
NÚMERO **154**
MAIO 2014

Uma outra Educação

neste número pode ler

Still do filme *Ciclone*, realizado pelos alunos da Escola Secundária de Serpa

4

Uma outra educação

Aprender a olhar à volta foi o desafio lançado pela associação Os Filhos de Lumière aos alunos da Escola Secundária de Serpa. O projeto recebeu o apoio da Fundação Gulbenkian, através do projeto EMA – Estímulo à Melhoria das Aprendizagens, e envolveu alunos e professores apostados em melhorar o sucesso escolar, diminuindo os riscos de abandono. Os números mostram como a aprendizagem sai valorizada quando se alargam horizontes e formas de ensinar.

8

Cuidar de crianças e famílias que vivem com a doença

Em Portugal, está quase tudo por fazer no campo dos cuidados paliativos pediátricos. Quem o diz é Ana Lacerda, médica pediatra no Instituto Português de Oncologia de Lisboa, que ganhou o *Cicely Saunders Prize for Academic Excellence in Palliative Care*, com a recente defesa da sua tese de mestrado. Nesta entrevista, Ana Lacerda fala dos cuidados que devem ser prestados à criança e à família desde o diagnóstico.

Ala de pediatria do IPO de Lisboa © IPO

13

Conferência sobre jovens em acolhimento institucional

No **dia 29 de maio**, a Fundação Gulbenkian promove uma conferência sobre a problemática das crianças e jovens em risco. A procuradora-geral da República, Joana Marques Vidal, será a oradora principal do encontro em que serão apresentados resultados de várias intervenções apoiadas pela Fundação Calouste Gulbenkian em Braga, Vila Real, Reguengos de Monsaraz e Ansião. A conferência decorrerá no Auditório 2 e tem entrada livre.

A Fundação Calouste Gulbenkian é uma instituição portuguesa de direito privado e utilidade pública, cujos fins estatutários são a Arte, a Beneficência, a Ciência e a Educação. Criada por disposição testamentária de Calouste Sarkis Gulbenkian, os seus estatutos foram aprovados pelo Estado Português a 18 de Julho de 1956.

NEWSLETTER Número 154.maio.2014 | ISSN 0873-5980
Esta Newsletter é uma edição do Serviço de Comunicação Elisabete Caramelo | Leonor Vaz | Sara Pais
Colaboram neste número Afonso Cabral | Ana Barata | Ana Mena | Inês Ribeirinho | **Design** José Teófilo Duarte | Eva Monteiro | João Silva [**DD**LX] **Revisão de texto** Rita Veiga | **Imagem da Capa** Projeto EMA – Serpa © Os Filhos de Lumière | **Impressão** Greca Artes Gráficas | **Tiragem** 10 000 exemplares | Av. de Berna, 45, 1067-001 Lisboa, tel. 21 782 30 00 | info@gulbenkian.pt | www.gulbenkian.pt

20

Jazz em Agosto – 31ª edição

De 1 a 10 de agosto, a 31.ª edição do Jazz em Agosto apresenta 10 concertos no Anfiteatro ao Ar Livre e sete sessões de filmes documentais no Auditório 3 da Fundação Gulbenkian. Nomes como **Evan Parker**, **Matthew Shipp** ou **Massacre** fazem parte do programa do festival, agora premiado com o **Award for Adventurous Programming 2014** pelo **Europe Jazz Network**.

26

Rising Stars

Um fim-de-semana inteiro para ouvir as estrelas emergentes da música na iniciativa **Rising Stars**, organizada pela **European Concert Hall Organisation (ECHO)**, organização que associa as principais salas de concerto europeias e que conta com a Fundação Gulbenkian e a Fundação Casa da Música como os seus membros mais recentes. A **9, 10 e 11 de maio** no Grande Auditório Gulbenkian.

Da série Parentesco, 2008-2011 © Pieter Hugo, Cortesia Stevenson Gallery, Cape Town-Johannesburg/ Yossi Milo Gallery, New York

28

Exposições – último mês

O Dia Internacional dos Museus – **18 de maio** – marca o encerramento das exposições patentes no Centro de Arte Moderna com as obras de **Rui Chafes**, **João Tabarra** e **Nadia Kaabi-Linke**. Este será também o último dia da exposição **Os Czares e o Oriente** na sala de exposições temporárias do Museu Calouste Gulbenkian. Até **1 de junho** poderá ver na sala de exposições temporárias da Sede da Fundação *Este é o lugar,* fotografias de **Pieter Hugo**.

índice

primeiro plano

4 **Uma outra educação**

notícias

8 **Cuidar de crianças e famílias que vivem com a doença**

12 **Apoio ao doente oncológico em Moçambique**

13 **Jovens em Acolhimento Institucional**

14 **Ajuda internacional ao desenvolvimento**

14 **Maior resistência a vírus**

15 **O papel das correntes elétricas na regeneração de órgãos**

15 **Reunião dos estudantes de Doutoramento Gulbenkian**

16 **"Não há nada melhor que recuperar a liberdade"**

18 **As reformas da Educação**

18 **Lisboa, primeira capital "Zero Desperdício"**

19 **Formação Médica Avançada**

20 **Jazz em Agosto**

22 **breves**

bolseiros gulbenkian

24 **Rui Monteiro**

em maio

música

26 **Rising Stars**

exposições

28 **Múltiplos olhares**

conferências

31 **Novos Poderes**

32 **novas edições**

33 **catálogos de exposições na Biblioteca de Arte**

Uma obra

34 **Peitoral "Pavão"**

Alunos na rodagem dos filmes do projeto EMA © Os Filhos de Lumière

Uma outra educação

A Escola Secundária de Serpa e a associação Os Filhos de Lumière juntaram-se numa iniciativa no âmbito do Projeto EMA – Estímulo à Melhoria das Aprendizagens, um projeto do Programa Gulbenkian Qualificação das Novas Gerações apostado em melhorar as aprendizagens e o sucesso escolar dos alunos através de projetos inovadores em escolas públicas. Desta colaboração nasceu o* Olhar à Volta*, uma ideia que pôs alunos dos 7.º, 8.º e 9.º anos a escrever, realizar, produzir e montar os seus próprios filmes. Um caminho que começou em outubro de 2012 e que chega agora ao fim.

Cena 1 – "Queres namorar comigo?", pergunta o rapaz à rapariga que está sentada num banco de jardim. Ela responde negativamente e leva uma bofetada do jovem apaixonado.

Cena 2 – Dois rapazes refugiam-se numa casa enquanto um ciclone vai devastando tudo nos campos à volta.

Cena 3 – Um grupo de adolescentes depara-se com um incêndio no campo, originado por uma simples garrafa de vidro abandonada no chão ao sol. A sua ação rápida leva à chegada atempada dos bombeiros.

Cena 4 – Uma jovem adolescente pede dinheiro emprestado a uma amiga para ir comprar drogas e acaba por sucumbir com uma *overdose*.

Estas são imagens de vários filmes criados por alunos dos 7.º, 8.º e 9.º anos da Escola Secundária de Serpa numa iniciativa realizada no âmbito do Projeto EMA – Estímulo à Melhoria das Aprendizagens. A ideia era desenvolver as capacidades dos alunos e dos docentes através do cinema e do vídeo, com o objetivo de melhorar os desempenhos de uns e outros. Todos tiveram de se aplicar para descobrir

caminhos que lhes eram menos familiares, como o cinema; de repente, o mundo da sétima arte saiu dos ecrãs de televisão e das salas de projeção e entrou diretamente na sala de aula.

Este projeto começou em 2012, mas a relação com a Escola Secundária de Serpa começou em 2006, ano em que Os Filhos de Lumière, associação cultural vocacionada para a sensibilização ao cinema enquanto forma de expressão artística, começou a trabalhar com outros alunos da cidade alentejana. Há dois anos, a escola desafiou a associação a candidatar-se ao EMA e dar mais um passo em frente nesta relação entre educação e cinema. "É uma outra maneira de aprender", conta **Teresa Garcia**, realizadora e fundadora d'Os Filhos de Lumière. "Os alunos aprendem a exprimir-se, que é uma coisa em que têm imensa dificuldade. Têm dificuldade em escrever, em falar, em exprimir aquilo que sentem e pensam. É terrível, mas é um pouco assim que acontece nas escolas."

No cinema, descobriram um veículo, uma forma de expressão e uma liberdade que raramente encontram no currículo escolar habitual. **Francisco La Féria Oliveira**, diretor da escola, é um grande defensor deste tipo de atividades: "Foi muito importante para nós porque é muito difícil proporcionar outros tipos de aprendizagem e de contacto com determinados meios e mecanismos, sejam eles didáticos ou pedagógicos, como neste caso."

Aos alunos foi pedido para fazerem tudo, desde pensar no guião à realização, passando por todas as funções implícitas na criação de um filme: trabalharam no som, operaram as câmaras, foram atores, anotadores, fizeram a montagem. Nenhuma parte destes filmes ficou por mãos alheias, e durante o processo foram obrigados a questionar-se, não havia lições feitas. "Nós puxámos imenso por eles, fizemos-lhes perguntas todo o tempo, estávamos sempre a questioná-los, a obrigá-los a refletir, a pensar porque é que se faz assim, porque é que se faz assado", diz Teresa Garcia. Esta

Rossana Torres e Teresa Garcia da associação Os Filhos de Lumière © Márcia Lessa

Mariana e Joana, alunas da Escola Secundária de Serpa © Márcia Lessa

metodologia nasceu de uma necessidade de contrariar um bocado o cenário que encontrou, no qual os jovens estavam habituados a aceitar tudo o que vem nos livros, sem oportunidade de contradizer o que lá estava escrito, sem poder dizer: "Eu não penso assim. Porque é que as coisas não são de outra maneira?"

Do outro lado, os alunos não acharam fácil esta nova tarefa em que tiveram de se multiplicar por várias funções e procurar o caminho certo para chegar a bom porto nos seus filmes. "Fazer cinema é mais cansativo do que estudar!", diz Ricardo Silva, agora no 10.º ano. Nem todos concordam e o amigo do lado responde: "Para mim, estudar é mais complicado." "Para quem não estuda, não percebo como podes dizer isso!", ouve-se mais lá ao fundo, no meio de risos. Percebe-se pelo entusiasmo dos jovens serpenses que há orgulho naquilo que fizeram, que esta foi uma experiência diferente daquela que normalmente associam à escola.

"Ver tudo é melhor"

Joana Cagau descreve a experiência na realização: "Foi uma coisa nova que nós nunca tínhamos feito e acho que foi uma experiência engraçada e fixe para todos." Quando questionada em relação ao trabalho prático que teve de fazer, Joana não tem dúvidas de que o processo a obrigou a olhar para as coisas de outra maneira: "É diferente estar a olhar para fora ou para dentro da câmara. De fora vemos tudo. Quando olhamos para dentro da câmara, só vemos aquilo que queremos ver." Mas depois da experiência, não ficou com dúvidas: "Ver tudo é melhor."

Os temas abordados pelos alunos não eram fáceis. A saúde, o *bullying*, as catástrofes naturais e as drogas foram os assuntos sugeridos. O objetivo era aprender e ensinar, em simultâneo. Sóbrios, simples e bonitos, os filmes retratam situações que podem acontecer na vida real e são uma

Alunos que participaram nos exercícios filmados do projeto EMA © Márcia Lessa

autêntica chamada de atenção através da arte. **Bárbara**, do 7.º ano, sonha ser atriz e teve aqui uma oportunidade para pôr o seu talento à prova. Da sua participação neste projeto, retirou lições práticas e morais: "Fui atriz num filme sobre o *bullying*. Estive dos dois lados, fiz o papel de quem dava e de quem levava. Percebi que é melhor ajudar uma pessoa que precisa do que bater-lhe. Não gostei de fazer papel de má." **Francisco La Féria Oliveira**, satisfeito com o desempenho dos alunos, regista: "É interessante como sem palavras e só com imagem, a mensagem acaba por passar. Esta capacidade que os miúdos podem ter de utilizar esta ferramenta é fundamental."

Todo o processo obrigou os alunos a trabalharem uns com os outros, a partilhar ideias e a chegar a consensos – uma lição valiosa que nem sempre foi fácil de concretizar. "Ao princípio a relação é complicada porque somos muitos e todos querem fazer muito, até atrapalha, mas depois com alguma paciência tudo se faz", conta **Vera Gomes**, do 9.º ano. Mas não foram só os alunos que tiveram de se aplicar, também os professores acabaram por ser empurrados para o mundo do cinema. A professora **Maria Ana César** mostra um entusiasmo enorme, apenas comparável ao dos alunos: "Eu sou professora de artes, nunca tinha feito nada com cinema. Tive de aprender tanto como eles." O testemunho desta professora demonstra bem o impacto que o *Olhar à Volta* teve na escola, mas também fora dela, "havia alunos que vinham ao fim de semana filmar e trabalhar nos filmes deles. Alguns até com um historial de pouca assiduidade. Até os pais me dizem que já aprenderam coisas que não sabiam sobre cinema, porque os filhos lhes vão contando aquilo que fazem aqui."

Filme com final feliz

No início de abril, o Cineteatro Municipal de Serpa recebeu alunos e professores da região para a exibição dos filmes realizados pelos alunos da escola secundária ali mesmo ao lado. À porta, três jovens de três escolas diferentes iam recebendo todos aqueles que chegavam. Serpa, Castro Verde e Beja foram as localidades representadas.

Susana Moreira e Francisco La Féria Oliveira © Márcia Lessa

Dentro do Cineteatro, passavam os filmes. Finalmente, estava à vista o resultado de todo o trabalho que tinham feito. A reação dos jovens misturava o entusiasmo, o orgulho e a estranheza de ver na tela aquilo que lhes tinha estado nas mãos durante tanto tempo. "Ver aquilo que nós fizemos e todo o trabalho que tivemos à frente de uma câmara é engraçado e esquisito ao mesmo tempo", diz **Mariana**, do 10.º ano. "São as nossas ações e nós estamos ali, mas na altura estamos a fazer e a viver tudo aquilo que se está a passar no momento, estamos concentrados, mas também estamos a ver o que se está a passar à nossa volta. Depois, no filme, não é assim, as pessoas não veem tudo o que está fora da câmara."

Susana Moreira é professora na Escola Secundária de Serpa e, enquanto coordenadora deste projeto, considera que ideias como esta são vitais para o desenvolvimento dos jovens. "Este tipo de desenvolvimento de competências é fundamental para os alunos, até porque acabam por se conhecer melhor a si próprios e aos colegas, e dá-lhes uma visão do futuro." Susana Moreira constata a mudança ocorrida nos seus alunos, a melhoria a nível técnico e de expressividade, mas também de comportamento: "Ficaram mais desinibidos." Conta que alguns nunca queriam escrever e que, depois desta experiência, passaram a pôr as suas ideias no papel e a organizar melhor os próprios pensamentos.

A coordenadora do projeto refere que o facto de estas atividades se realizarem no interior do país também é muito relevante, já que as tecnologias e as novidades levam mais tempo a chegar. Além disso, salienta: "Não podemos esquecer que os alunos têm parcos recursos. Trazer pessoas de fora e abri-los ao mundo é fundamental, porque, senão, as pessoas ficam muito cristalizadas nos seus próprios espaços." Susana Moreira não tem dúvidas de que projetos como este proporcionam "uma visão do mundo completamente diferente e isso é fundamental no crescimento".

Os resultados estão à vista, a demonstrar a eficácia do projeto. Depois do EMA, os níveis de sucesso escolar subiram enquanto o risco de abandono desceu. Os índices de satisfação dos docentes também melhoraram (ver caixa). Em todos os campos tudo correu bem, em certos casos até superou as expetativas.

Os alunos de Serpa regressam agora à sua educação "normal", sem filmes, mas com uma experiência que lhes serviu para abrir os horizontes. Quando confrontados com a pergunta, muitos já sabem o que querem fazer no futuro – agricultores, cantores, cientistas, arquitetos e... atores. Um dia, talvez algumas destas caras voltem a ser projetadas num grande ecrã ou se concentrem por detrás da câmara. A experiência ficará para sempre nas suas memórias. ■

Resultados e impactos do Projeto EMA em Serpa

O EMA – Estímulo à Melhoria das Aprendizagens é um projeto da Fundação Gulbenkian que tem como objetivo incentivar o aparecimento, o desenvolvimento e a divulgação de projetos inovadores, de qualidade, que fomentem o sucesso dos alunos através da sua participação em atividades devidamente estruturadas e realizadas em parceria com entidades externas à comunidade escolar.

É uma iniciativa que visa estimular a apresentação de propostas de intervenção que, para além de refletirem a ligação à comunidade e a entidades e instituições, bem como a outras escolas, facilitem as aprendizagens, fomentem a criatividade e o empreendedorismo dos alunos e desenvolvam competências de formação escolar, profissional e pessoal, conducentes à promoção da qualidade educativa.

Melhoria dos resultados escolares

- Sucesso Escolar: antes, 44,4%; depois, 71,4%.
- Risco de Abandono: antes, 7,9%; depois, 3,2%.
- Índice de Satisfação Global dos Docentes: antes, 78,5%; depois, 82,6%.

Cumprimento dos objetivos de produção

- Audiovisuais – previsão: 7 filmes; realização: 9 filmes – 129%.
- Materiais pedagógicos – previsão: 7 guiões; realização: 9 guiões – 129%.

Envolvimento Escola-Comunidade

- Iniciativas de abertura à comunidade – previsão: 3 exibições; realização: 4 exibições – 133%.
- Ações de divulgação – previsão: 1 ação; realização: 3 ações – 300%.

Cuidar de crianças e famílias que vivem com a doença

Ana Lacerda é médica pediatra no Instituto Português de Oncologia (IPO) de Lisboa, onde trabalha há 17 anos e onde acompanha crianças e famílias com necessidades paliativas, que têm de aprender a viver diariamente com uma doença que limita a qualidade de vida, e pode conduzir à morte. Em 2011 concorreu a uma bolsa de mestrado integrada num programa de formação académica em Cuidados Paliativos, que a Fundação Gulbenkian está a promover em parceria com o Cicely Saunders Institute, departamento de cuidados paliativos do King's College London, em articulação com o Centro de Estudos e Investigação em Saúde da Universidade de Coimbra. Foram muitos fins de semana a estudar, longe da família, mas a única coisa de que se arrepende é de não ter feito o mestrado mais cedo. No final de março, depois de defender a sua tese com distinção, foi-lhe atribuído o **Cicely Saunders Prize for Academic Excellence in Palliative Care.** ***Nesta entrevista fala-nos da importância dos cuidados paliativos pediátricos, mas também da importância de fazer investigação.***

Há 20 anos pouco ou nada se falava em Portugal de cuidados paliativos, e muito menos de cuidados paliativos pediátricos. O que mudou entretanto?

No início dos anos 90, começaram a surgir em Portugal profissionais com ideias acerca da necessidade de desenvolvimento de cuidados paliativos para o adulto, nomeadamente para o adulto com cancro, que é sempre a população que primeiro nos ocorre quando se pensa em cuidados paliativos. E, ao longo dos últimos 20 anos, em termos de serviços para o adulto, as coisas têm vindo a desenvolver-se. No *Global Atlas of Palliative Care* (Organização Mundial de Saúde/Worldwide Palliative Care Alliance, janeiro 2014), que é o primeiro relatório a fazer um mapa dos serviços de cuidados paliativos de adultos e de pediatria a nível mundial, Portugal já é considerado num nível razoavelmente avançado de provisão localizada de serviços. Mas em termos da Pediatria, está praticamente tudo por fazer, porque só agora é que as necessidades paliativas das crianças começam a ser reconhecidas. Chocou-me saber que Portugal, do ponto de vista oficial, não tem serviços organizados de cuidados paliativos pediátricos e que somos o país mais atrasado a nível europeu.

Quais são as especificidades dos cuidados paliativos pediátricos?

São cuidados que devem ser prestados à criança e à família desde o diagnóstico duma doença limitante da sua esperança ou da sua qualidade de vida, enquanto num adulto o foco dos cuidados paliativos, pelo menos até agora, tem estado muito na fase de doença avançada. Nas crianças, claro que também existe a preocupação de como é que vai ser a fase terminal, ou do fim de vida, mas uma preocupação não menos importante é como é que esta criança e a sua família vão ser apoiadas na sua vivência diária com a doença. Podemos estar a falar de dias, meses, anos ou décadas. Porque há patologias pediátricas que há 20 anos causavam uma morte mais precoce, mas atualmente estas crianças podem sobreviver cinco, dez ou 20 anos.

É uma realidade nova?

Exatamente. Por isso os cuidados paliativos pediátricos não se dirigem exclusivamente às crianças numa fase de fim de vida, mas também às que vivem com uma doença que nós sabemos que limita a qualidade de vida, por exemplo, o cancro. Tal como acontece em relação aos adultos, na maioria dos países os serviços de Cuidados Paliativos Pediátricos têm origem normalmente nos serviços de Oncologia Pediátrica, porque o cancro continua a ser a patologia que causa mais mortes. E em Portugal também é isso que se passa. Mas, felizmente, a grande maioria das crianças com cancro não morre por causa disso. Hoje em dia, temos uma taxa de sobrevivência de 75 a 80 por cento, no geral. E as recomendações internacionais são para que todas as crianças com

Ana Lacerda

cancro sejam objeto de cuidados paliativos de suporte desde o diagnóstico. Porque viver com um cancro que está a ser tratado ativamente com todas as necessidades de controlo de sintomas, de tratamentos, deslocações, impacto sobre a família, impacto socioeconómico – a mãe muitas vezes tem de se desempregar para cuidar da criança a tempo inteiro – obriga, digamos assim, a pensar nesta criança e nesta família como tendo as tais necessidades paliativas. Não são necessidades paliativas de fim de vida, mas de apoio a vários níveis. E não esqueçamos que qualquer perda de saúde, de expectativas, é também uma forma de luto que necessita de ser reconhecida e apoiada.

É por isso que são tão importantes os cuidados de proximidade?

No IPO de Lisboa, por exemplo, recebemos crianças do Algarve, do Alentejo profundo, dos Açores e da Madeira. São famílias que estão deslocadas, muito longe da sua residência, e temos de criar respostas para que, sempre que possível e tanto quanto possível, a criança possa regressar a casa. Têm de ser respostas dadas pela comunidade, pelo hospital da área de residência, pelo centro de saúde, pelo médico de família, pelas equipas de cuidados domiciliários, que devem trabalhar em rede, e em colaboração e continuidade com o IPO, um centro terciário especializado em patologia oncológica.

Como é que isto se relaciona com a sua tese de mestrado *[Cause and Place of Death of Children and Adolescents in Portugal (1987-2011) – an Epidemiological Study]*?

Entrei para o projeto DINAMO – Dinamizar formação avançada e investigação para otimizar os cuidados paliativos domiciliários em Portugal [financiado pela Fundação Gulbenkian] de forma um pouco inesperada. O projeto estava a fazer uma avaliação das mortes e do local de morte de adultos em Portugal. Quando eu entrei, pensou-se estender este estudo à idade pediátrica, o que é uma alternativa válida a fazer-se um estudo prospetivo do levantamento das necessidades paliativas pediátricas em Portugal, coisa que talvez só uma equipa mais alargada e com o apoio do Ministério da Saúde tivesse capacidade para fazer. Então decidimos estudar as mortes [em idade pediátrica] que ocorreram em Portugal nos últimos 25 anos, de 1987 a 2011. O INE disponibilizou os dados e nós identificámos o número e a proporção de mortes que tinham ocorrido com necessidades paliativas. Estudámos as causas, a sua distribuição geográfica e etária, e o local onde tinham ocorrido as mortes. Porque o local de morte é considerado hoje em dia um bom indicador da qualidade dos serviços prestados em fim de vida. Deu para perceber, por exemplo, que, tal como noutros países, cerca de metade das crianças que morreram neste período em Portugal tinha menos de um ano de idade. Mas também se percebeu através do meu estudo que a idade mediana de morte está a aumentar. Ou seja, as crianças com necessidades paliativas estão a morrer mais tarde, em idades mais avançadas, o que para o planeamento de serviços é um dado importante.

Não havia nenhum estudo deste género?

Em Portugal não, e a nível europeu também é a primeira vez. Nos Estados Unidos foram feitos estudos semelhantes que abrangeram as décadas de 80 e 90 e que demonstravam a proporção de crianças com necessidades paliativas a aumentar. Também encontrei esse dado na minha tese. E a conclusão a que cheguei é que a proporção de crianças com necessidades paliativas que morre em casa tem vindo a diminuir, o que é contrário ao que acontece nos países em que os serviços de Cuidados Paliativos Pediátricos estão desenvolvidos. Nos Estados Unidos, por exemplo, o desenvolvimento de serviços de Cuidados Paliativos foi acompanhado por uma tendência crescente de mortes em casa.

Há muitos anos morrer em casa era sinónimo de subdesenvolvimento. Hoje é o contrário?

Aquilo que se verifica nos estudos que estão publicados é que, em países onde existem serviços bem organizados de Cuidados Paliativos Pediátricos, quem morre mais no hospital são as populações desprotegidas, económica e socialmente desfavorecidas. Há muitos anos morria-se em casa porque não havia outro sítio onde morrer, mas hoje estamos noutro estádio de evolução e progresso dos serviços. Mas tudo depende do contexto e é importante avaliar a qualidade.

E Portugal como se posiciona?

Dividindo as mortes pediátricas em três grandes causas – mortes com necessidades paliativas, mortes por acidentes e mortes por outras causas médicas –, percebemos que hoje em dia a proporção de morte em casa é idêntica independentemente da causa. Tanto faz que a morte tenha ocorrido porque se escorregou nas escadas e se fez um traumatismo craniano ou porque se teve uma sépsis fulminante em casa, ou porque se tem uma paralisia cerebral grave e vive-se há dez ou quinze anos em casa com a mãe a cuidar de nós. Isto diz o que não estamos a providenciar às nossas crianças e às suas famílias, porque a proporção de morte em casa na sequência de uma doença crónica devia ser muito mais elevada do que a proporção de morte causada por um acidente. Neste momento, a perceção que fica é de que se morre em casa por acaso e não por escolha ou por vontade. E o grande problema – se é que podemos chamar-lhe "problema" – é que isto não vai ao encontro do que se pensa serem as preferências das crianças e das famílias.

Também é nesse sentido que aponta a sua experiência clínica no IPO de Lisboa?

A minha experiência diz-me que as famílias muitas vezes não têm noção de que as crianças podem ser cuidadas fora do IPO. Em Portugal, há muito esta ideia de que só no hospital – e no hospital terciário, em Lisboa ou no Porto – é que se cuida bem. Quando dizemos às famílias que é possível cuidar da criança em parceria com o hospital da zona ou com o centro de saúde, muitas vezes a primeira reação é de algum receio. Mas depois, ao longo do tratamento, as pessoas perdem o receio, percebendo que para elas é extremamente vantajoso. Claro que há situações, como as quimioterapias, as aplasias graves, etc., que só podem ser tratadas no IPO. Temos de ver caso a caso, não é uma coisa que se possa de forma alguma generalizar. Mas há muita coisa que efetivamente pode ser feita fora do IPO. E por vezes, infelizmente, temos os casos considerados incuráveis, de final de vida, em que tentamos que a família seja apoiada junto do seu local de residência desde o início. Depois de perceberem que é possível, há famílias que abraçam imediatamente a ideia e muitas vezes não voltam ao IPO, vamos falando só por telefone. Há outras famílias que manifestam receio, mas aceitam a intervenção, em particular das equipas de cuidados continuados ou paliativos da sua área de residência, e vão criando uma relação com essas equipas, acabando as coisas por correr muito bem.

"As famílias muitas vezes não têm noção de que as crianças podem ser cuidadas fora do IPO"

Como é que conciliou a sua investigação com o seu trabalho no IPO?

Foi difícil. Tenho um trabalho a tempo inteiro, que é bastante exigente. Mas claro que tive a autorização e a colaboração do Conselho de Administração do IPO, que desde a primeira hora me apoiou. Também contei com a colaboração dos meus colegas, que, nas minhas ausências, tinham de arcar com o trabalho extra. No total, estive fora cerca de três meses, a ter aulas em Londres. Depois, quando voltava para Portugal, tinha de fazer trabalhos dos vários módulos, e fazer a tese, claro. Foram muitas tardes passadas no INE, a trabalhar com números. Foram muitos fins de semana e muitas horas de estudo. Mas, mesmo com as dificuldades que tive, voltaria a fazer tudo de novo. Só tenho pena de não ter feito isto há mais tempo, acho que é fundamental. O mestrado abriu-me os olhos para muitas coisas para as quais não estava alerta.

Gostava de ver mais colegas envolvidos em trabalhos de investigação?

É muito difícil em Portugal fazer-se trabalho clínico e de investigação ao mesmo tempo. Mas é muito importante fazer-se isso, porque, se não refletirmos sobre o que estamos a fazer, nunca vamos avançar. E já nem estou a falar de investigação básica laboratorial, estou a falar só de investigação clínica, ou neste caso de investigação epidemiológica. É extremamente importante. Temos de parar e refletir sobre o que estamos a fazer, avaliar, corrigir o que for necessário corrigir e seguir daí para a frente. Cada vez vejo mais médicos pediatras interessados neste aspeto do apoio às crianças e famílias com doença crónica, ou seja nos cuidados paliativos pediátricos, mas pouco interessados em fazer investigação. ■

Da esquerda para a direita: E. Marçal Grilo, Ana Paula Laborinho, Alexandre Manguele, Paulo Macedo, António Monteiro, Isabel Mota, Fernando Nogueira © Márcia Lessa

Apoio ao doente oncológico em Moçambique

Até 2016, o Hospital Central de Maputo vai receber apoio para aumentar os cuidados integrados dos doentes oncológicos de Moçambique. Melhorar as condições de rastreio, diagnóstico, tratamento e registo das doenças oncológicas é o objetivo da parceria estabelecida entre a Fundação Calouste Gulbenkian, o Camões – Instituto de Cooperação e da Língua, a Fundação Millenniumbcp e o Millennium BIM no projeto **Atenção integrada ao doente oncológico – Reforço da capacidade institucional do Hospital Central de Maputo**.

O projeto contempla a intervenção em sete serviços do Hospital e formação especializada para 75 profissionais de saúde, bem como a aquisição de equipamento complementar ao já existente. O apoio técnico será fornecido por várias entidades portuguesas, nomeadamente, IPATIMUP, Centro Hospitalar de São João do Porto, Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto, Hospital Pedro Hispano e Hospital Garcia de Orta.

No arranque do projeto, a 1 de abril, foi assinado um protocolo entre todos os parceiros, na presença dos ministros da Saúde de Portugal e de Moçambique. A administradora Isabel Mota acredita que, com este protocolo, Moçambique dará "mais um passo na criação de estruturas necessárias para fazer face ao problema emergente das doenças oncológicas, consideradas uma prioridade dentro das doenças não transmissíveis". O ministro da Saúde moçambicano lembrou as necessidades do país nesta área, já que os recursos têm estado concentrados no "combate às doenças transmissíveis, e agora surgem as doenças não transmissíveis". Alexandre Manguele diz que a oncologia precisava de uma "injeção de apoios".

A pensar na saúde como área relevante da estratégia da cooperação portuguesa, a presidente do Camões, Ana Paula Laborinho, considera que este projeto é um exemplo do que pode ser feito em termos de parcerias, "o único caminho possível para o desenvolvimento".

Por seu lado, António Monteiro, presidente do Conselho Internacional da Fundação Millenniumbcp, considera que as parcerias e a atuação conjunta entre o Estado e a sociedade civil (como bancos e fundações) são um catalisador de bem-estar para os países e para as suas populações.

Este projeto vem reforçar a ligação já existente entre o Hospital Central de Maputo e a Fundação Calouste Gulbenkian, que, desde 2003, tem vindo a apoiar o fortalecimento de um conjunto de serviços de diagnóstico e internamento do hospital. ■

Jovens em Acolhimento Institucional

Conferência – 29 maio, Auditório 2

A procuradora-geral da República, Joana Marques Vidal, será a oradora principal do encontro *Jovens em Acolhimento Institucional*, que decorre no Auditório 2 da Fundação Gulbenkian, no dia 29, e em que será discutido o tema "Casas de acolhimento, jovens e direitos – Construir diferente".

Neste encontro, vão ser também apresentados os projetos de intervenção junto de crianças e jovens em acolhimento institucional que a Fundação Gulbenkian financia desde 2012: em Braga, Oficina de São José; em Vila Real, Associação Via Nova; em Reguengos de Monsaraz, Lar de Nossa Senhora de Fátima; e em Ansião, Casa do Canto. Os projetos são desenvolvidos sob a coordenação científica de Daniel Sampaio, com o acompanhamento técnico assegurado por Hugo Cruz e Maria João Leote de Carvalho. Pretende-se desta forma contribuir para uma intervenção mais sustentada e que venha a ser objeto de reflexão e de identificação de boas práticas, podendo estas ser replicadas por instituições congéneres. Cada uma destas instituições de acolhimento tem características, valências e metodologias próprias, o que, além de enriquecer o trabalho, permite colocar o enfoque em componentes específicas da intervenção neste tipo de contexto.

Através do Programa Gulbenkian de Desenvolvimento Humano, a Fundação Gulbenkian tem vindo nos últimos anos a reforçar a sua intervenção no quadro das problemáticas das crianças e jovens em risco. No desenvolvimento de ações estruturadas de apoio às famílias, acreditando que o reforço das competências dos cuidadores se constitui como uma medida preventiva à institucionalização das crianças e dos jovens, até 2011 foram apoiados vários projetos nos concelhos de Lisboa, Amadora, Sintra e Setúbal, cujos resultados e conclusões estão disponíveis no livro *Formação Parental – a família no centro da intervenção*. ■

PROGRAMA

14h30 | Abertura
Isabel Mota, administradora da Fundação Calouste Gulbenkian.

14h45 | Acolhimento institucional de jovens no sistema português
Moderação: **Daniel Sampaio**, coordenador científico do Programa Crianças e Jovens em Risco (Fundação Calouste Gulbenkian).

Reconstruir Laços Familiares
Projeto O Trilho | Lar de Infância e Juventude Associação de Solidariedade Social Via Nova (Vila Real) |
Ana Henriques, coordenadora do projeto.

Autonomia das crianças e jovens: percursos e práticas na Oficina de S. José
Projeto Autonomia | Lar de Infância e Juventude Oficina de S. José, arquidiocese de Braga |
Mafalda Malheiro, coordenadora do projeto.

Estrutura de Apoio e Acompanhamento da Casa do Canto
Projeto Projet'Ar-te – Desafios para a mudança no sistema de acolhimento | Centro de Acolhimento Temporário Casa do Canto (Ansião), APDMF – CrescerSer |
Pedro Fadigas, técnico do projeto.

Cultura, identidade e mudança organizacionais: o caso singular do Lar Nossa Sr.ª de Fátima
Projeto Aprender a Ser | Lar de Infância e Juventude Nossa Senhora de Fátima | Santa Casa da Misericórdia de Reguengos de Monsaraz | **Vânia Pereira** e **Raquel Carmo**, coordenadora e técnica do projeto.

16h30 | Debate

17h30 "Casas de acolhimento, jovens e direitos – construir diferente"
Conferência da procuradora-geral da República,
Joana Marques Vidal

18h | Debate
Moderador: **Daniel Sampaio**

18h30 | Encerramento
Artur Santos Silva, presidente da Fundação Calouste Gulbenkian

Entrada livre.
Mais informações:
www.gulbenkian.pt/desenvolvimentohumano

Ajuda internacional ao desenvolvimento

Entre 2011 e 2013, mais de duas dezenas de projetos, apresentados por 18 organizações não governamentais para o Desenvolvimento (ONGD), foram candidatos a fontes de financiamento em fundações internacionais, na União Europeia, empresas e embaixadas no estrangeiro. Os projetos destinavam-se maioritariamente a países como Moçambique, São Tomé e Príncipe, Guiné-Bissau, Cabo Verde, Honduras, Guatemala, Angola e Chade.

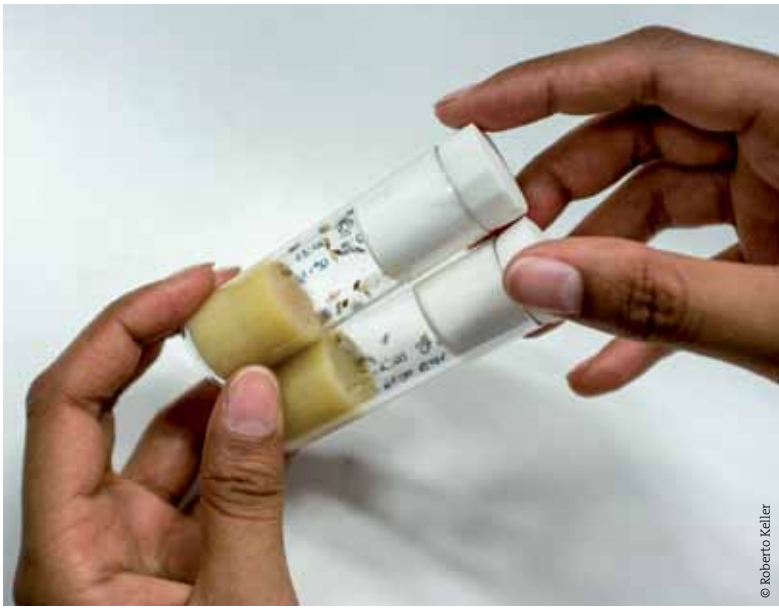
Todas as candidaturas nasceram com a ajuda do Mecanismo de apoio à elaboração de projetos de cooperação para o desenvolvimento, lançado pela Fundação Calouste Gulbenkian, em parceria com as fundações Luso-Americana para o Desenvolvimento, EDP e Portugal-África, com o apoio do Camões – Instituto da Cooperação e da Língua.

As candidaturas enviadas pelas ONGD foram avaliadas por peritos independentes, portugueses e com experiência internacional, o que permitiu o enriquecimento dos projetos apresentados ao financiamento internacional.

Para além da aprovação de propostas de candidaturas a financiamento internacional, foram criados, em parceria com o CESA-ISEG (Centro de Estudos sobre África, Ásia e América Latina), uma *newsletter* mensal sobre linhas de financiamento internacionais para as ONGD e conteúdos e instrumentos de comunicação em língua inglesa, com o objetivo de fortalecer a capacidade de acesso ao financiamento internacional e a promoção de parcerias entre ONGD e universidades e centros de investigação. ■

Maior resistência a vírus

Quando um organismo é infetado por um parasita desencadeia uma série de respostas fisiológicas. Dentro destas respostas têm de estar contemplados mecanismos que permitam a adaptação do organismo hospedeiro ao parasita, para que ambos consigam coexistir. Muitos cientistas têm tentado perceber como se processam estes mecanismos, mas a sua base genética ainda é desconhecida. Num estudo publicado na revista Proceedings of the National Academy of Sciences (PNAS), investigadores do Instituto Gulbenkian de Ciência (IGC) e do Centro de Biologia Ambiental da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa (CBA) descobriram que os mecanismos de adaptação a um vírus são extensíveis a outros vírus, conferindo ao hospedeiro uma resistência cruzada a diferentes parasitas. A equipa liderada por Élio Sucena (IGC) e Sara Magalhães (CBA) observou que a adaptação das moscas da fruta a um vírus que naturalmente as parasita se deve maioritariamente a diferenças em apenas três genes. Além disso, os investigadores descobriram que esses genes conferem à mosca capacidade de sobreviver melhor a infeções causadas por outros vírus. Nelson Martins e Vítor


© Roberto Keller

Faria (do IGC), primeiros coautores deste estudo, demonstram o seu entusiasmo pelos resultados obtidos explicando que "estudos como este vão permitir compreender melhor a base genética da evolução das respostas que os organismos vão dando aos seus parasitas, possibilitando o desenho de novas estratégias que contribuam para a resolução de questões de saúde pública". Este trabalho contou com a colaboração de investigadores do Institut für Populationsgenetik, Áustria. ■

O papel das correntes elétricas na regeneração de órgãos

A regeneração celular é uma característica biológica de todos os organismos vivos, com um papel importante no crescimento, cicatrização de feridas, reparação de tecidos e outras funções biológicas semelhantes. Os aspetos moleculares responsáveis pela regeneração têm vindo a ser investigados com o objetivo de perceber a razão pela qual alguns animais têm a capacidade de regenerar estruturas de tecidos inteiros, após amputação ou lesão, enquanto que os seres humanos conseguem regenerar apenas alguns órgãos, como o fígado ou a pele. Num estudo publicado na revista científica PLOS ONE, um grupo de investigação do Instituto Gulbenkian de Ciência apresentou novas pistas que ajudam a resolver esta questão, investigando o processo de regeneração num modelo de vertebrado adulto: o peixe-zebra. Sabe-se que o peixe-zebra é capaz de regenerar órgãos e que as correntes elétricas podem estar relacionadas com este processo. Usando uma abordagem molecular e biofísica, a equipa de investigação liderada por Joaquín Rodríguez-Léon mostrou, pela primeira vez, que o peixe-zebra regenera a barbatana caudal através de um processo que envolve um canal na membrana das células que bombeia iões de hidrogénio para o exterior das células, gerando uma corrente elétrica. Os investigadores descobriram que a atividade deste sinal elétrico é necessária em diferentes aspetos do processo de regeneração, nomeadamente na expressão de genes cruciais, na formação de uma massa de células capazes de crescer e regenerar, e também na inervação adequada dos tecidos. Os investigadores mostraram ainda que esta corrente elétrica é igualmente importante para coordenar outras proteínas que podem estabelecer uma memória posicional de forma a garantir a regeneração correta do tecido lesado. ■

Reunião dos estudantes de Doutoramento Gulbenkian

De **24 a 28 de maio**, decorre em Mértola o encontro anual de alunos de doutoramento do Instituto Gulbenkian de Ciência.

Este encontro promove a discussão científica sobre os projetos de investigação desenvolvidos pelos estudantes, contando com palestras de cientistas internacionais. O encontro está aberto também à participação de estudantes do Programa de Neurociências da Fundação Champalimaud (CNP) e do Centro de Estudos de Doenças Crónicas (CEDOC) do polo de Oeiras. ■

"Não há nada melhor que recuperar a Liberdade"

Conferência *25 de abril, 40 anos depois*

Jorge Sampaio, António Ramalho Eanes, Francisco Pinto Balsemão, Mário Soares © Márcia Lessa

Os cabelos brancos de Felipe Gonzalez contrastavam com a tez bronzeada e o ar jovial do mais carismático presidente do Governo espanhol. Aos 72 anos, um enérgico Gonzalez respondeu à pergunta "Valeu a pena?", da conferência Expresso, SIC Notícias, Instituto de Ciências Social, Fundação Gulbenkian, com a convicção clara de que "não há nada melhor que recuperar a liberdade, mesmo nesta época de angústia social".

E para os mais renitentes a comemorar Abril em época de crise, o antigo líder dos socialistas espanhóis lembrou que em Espanha não há datas a comemorar porque não houve revolução: "Não podemos comemorar a morte de Franco." Atrás dele, a ilustração mural do Auditório 2 da Fundação Gulbenkian mostrava precisamente o símbolo de uma revolução ímpar na história mundial, feita por militares que usaram cravos em vez de armas.

Uma sondagem reveladora

Em janeiro, o Instituto de Ciências Sociais levou a cabo uma sondagem com entrevistas pessoais a 1254 indivíduos com mais de 15 anos em que fica claro que o 25 de Abril é o acontecimento mais importante na história dos portugueses. A partir dela, Marina Costa Lobo, a investigadora e coordenadora do estudo que teve o apoio da Fundação Gulbenkian, constata que "já não há fosso entre direita e esquerda" relativamente à data e que, para 58 por cento dos inquiridos, o 25 de Abril é um acontecimento muito mais positivo que negativo.

Democratizar e descolonizar são os verbos mais usados quando se trata de descrever os objetivos da Revolução dos Cravos que, nesta sondagem, aparece como símbolo de orgulho nacional e até de alguma unidade, uma vez que 60 por cento dos inquiridos considera que as divisões pós-revolução não têm importância. No entanto, à medida que os resultados são cruzados com a idade dos inquiridos, é claro que há um desconhecimento sobre os protagonistas militares do golpe e um pouco menos sobre as figuras políticas. De qualquer forma, a tendência geral é de desconhecimento sobre pessoas e acontecimentos, à medida que a distância da data se alarga. Por outro lado, a maioria dos inquiridos defende a manutenção dos legados sociais de Abril na Educação, Saúde, política ambiental e modo de vida, com uma clara avaliação negativa do desemprego e das desigualdades sociais atuais.

Revisitar os valores de Abril

Na abertura da conferência, a antecipar a divulgação dos resultados, o presidente da Fundação Calouste Gulbenkian

Felipe Gonzalez, Artur Santos Silva, Eduardo Lourenço © Márcia Lessa

defendeu precisamente que a passagem destas quatro décadas de democracia é uma oportunidade para revisitar os valores e reafirmar a identidade dos portugueses. Artur Santos Silva lembrou que Portugal conta hoje com um sistema universal de segurança social, melhores infraestruturas e muito mais licenciados e doutorados que integram uma das gerações mais preparadas de sempre. O presidente da Fundação lembrou os períodos de 1977-79 e de 1983-85 para dizer: "Estamos a conhecer um brusco e doloroso processo de ajustamento com intervenção externa. Beneficiamos de mais apoios, mais significativos, mas precisamos de políticas europeias de combate mais sensíveis ao desemprego, aos jovens."

Por seu lado, o presidente do grupo Impresa, Francisco Pinto Balsemão, salientou o contributo desta conferência para mostrar os benefícios da Revolução a uma população que nasceu depois de 74. Balsemão disse esperar que "os objetivos fundamentais de liberdade, igualdade e de justiça social sejam prosseguidos e melhorados na sua execução".

Melhorar a Europa

Convidado a olhar o 25 de Abril a partir de Espanha, Felipe Gonzalez manifestou o seu entusiasmo pela revolução portuguesa e aproveitou o momento para dizer que, em Portugal e em Espanha, "as pessoas estão a passar mal". Crítico dos atuais dirigentes políticos europeus, Felipe Gonzalez diz que a Europa vive hoje a sua "pior crise de governança da democracia representativa", aumentando a distância entre os cidadãos e os responsáveis políticos.

O antigo primeiro-ministro espanhol lembrou à vasta plateia que encheu o Auditório 2 que a democracia "não garante bons governos", ao contrário do que dizem alguns, apenas garante que "podemos mudar os governos que não nos agradam". Nesse sentido, o ex-governante defende a mudança das políticas europeias, adotando "políticas ativas" e mais integração, reanimando os ideais europeus e, sobretudo, questionando a falta de equidade na distribuição dos esforços para o ajustamento. Disse Gonzalez que Portugal e Espanha têm de "recuperar a competitividade na economia global para garantir a coesão social" e que o caminho atual não lhes permitirá lá chegar.

No comentário final, Eduardo Lourenço lembrou que a Europa "não tem mais nenhuma saída senão a que ela própria conseguir encontrar". Depois de evocar os desafios do 25 de abril e as guerras europeias, nomeadamente a 2ª Guerra Mundial que representou "o fim da história da Europa como potência dominante", Eduardo Lourenço fez votos para que a Europa venha a ser um "oásis de paz que até hoje nunca foi".

Os maiores de 74

Balsemão ironizou no início da sessão que mais público atraiu num dia inteiro de conferência, a que juntou os três presidentes da República eleitos e reeleitos em democracia, dizendo: "A equipa dos maiores de 74 anos é a que atrai mais audiência." E não era para menos, uma vez que se tratou dum momento histórico 40 anos depois do 25 de Abril. António Ramalho Eanes, Mário Soares e Jorge Sampaio, sentados à mesma mesa do Auditório 2, numa conversa moderada por Pinto Balsemão.

Esqueceram-se as divergências perante o momento presente, com Soares a revelar que votou em Eanes e Sampaio a destacar o 25 de Abril como "uma data em que os portugueses se reveem". Os três presidentes defenderam o Estado Social saído de Abril, com Ramalho Eanes a dizer: "Quando a juventude emigra por necessidade está a dizer que não acredita no presente." E Jorge Sampaio a defender a preservação do Estado Social, pois "não pode ser tudo reduzido a um Estado mínimo". Mário Soares avisou que não iria falar da atualidade por sobejamente se conhecer o que pensa, mas deixou como testemunho que não participaria nas comemorações oficiais do 25 de Abril, uma vez que os militares não estariam presentes.

O dia ia longo de conferências e testemunhos que mobilizaram para o auditório dezenas de pensadores, jornalistas, historiadores, investigadores, políticos, figuras de Estado, e até alguns jovens nascidos muito depois da Revolução, concordantes na ideia de contrariar o desconhecimento da revolução por parte das gerações mais jovens. ■

As reformas da educação

© Márcia Lessa

O antigo ministro da Educação e atual administrador da Fundação Calouste Gulbenkian, Eduardo Marçal Grilo, é o orador convidado da próxima conferência integrada no ciclo Sextas da Reforma, organizado pelo Banco de Portugal, Conselho das Finanças Públicas e Fundação Gulbenkian.

Compromissos na Educação é o título da conferência em que abordará a necessidade de ultrapassar divergências e de atingir compromissos partidários quanto ao futuro da Educação em Portugal. Na sua intervenção, Marçal Grilo apresentará os temas que considera relevantes para esse entendimento e os passos necessários para lá chegar. Eduardo Marçal Grilo foi ministro da Educação no 1.º governo liderado por António Guterres, entre 1995 e 1999.

Paulo Santiago, coordenador do mais recente relatório da OCDE sobre políticas de avaliação no ensino em Portugal, é o comentador convidado para esta conferência, no Auditório 3 da Fundação, **dia 16, às 16h**. A entrada é livre, mas todos os interessados em assistir devem inscrever-se previamente no *site* do Banco de Portugal, www.bportugal.pt. ■

Lisboa, primeira capital "Zero Desperdício"

A Fundação Calouste Gulbenkian associou-se ao **Movimento Zero Desperdício**, uma iniciativa que tem como objetivo combater o desperdício alimentar em Portugal. Para tal, assinou um protocolo com Câmara Municipal de Lisboa e a associação Dar i Acordar, promotora deste movimento, com o objetivo de alargar a iniciativa a todas as freguesias e municípios da Área Metropolitana de Lisboa.

O **Movimento Zero Desperdício** foi criado pela Associação Dar i Acordar para aproveitamento das sobras alimentares que se encontram em perfeitas condições de consumo, junto das entidades públicas e privadas. A parceria agora estabelecida pretende tornar Lisboa a primeira Capital Mundial Zero Desperdício através do envolvimento de um vasto leque de entidades, instituições e empresas neste projeto.

Em Portugal, estima-se que cerca de 50 mil refeições diárias confecionadas por hotéis, restaurantes, *caterings*, cadeias de supermercados, entre outros, sejam deitadas ao lixo.

Em abril de 2012 este movimento montou uma estrutura no terreno e desde então foram recuperadas quase 900 mil refeições em quatro concelhos – Lisboa, Loures, Cascais e Sintra –, beneficiando cerca de 10 000 pessoas, numa complexa operação que envolveu 100 entidades doadoras, 60 instituições recetoras e ainda 250 voluntários.

Entre as entidades doadoras encontram-se cadeias de supermercados, empresas, hotéis e entidades públicas como a Assembleia da República, o Banco de Portugal e a Casa da Moeda, entre outras. Com a colaboração da ASAE, foram definidas as regras de higiene e segurança alimentar para utilizar ao longo do processo de recolha, acondicionamento, conservação, transporte e distribuição das refeições, tendo sido realizadas ações de formação de técnicos e voluntários envolvidos neste processo. Importa ainda salientar a visibilidade internacional que o Movimento Zero Desperdício foi assumindo, tendo sido convidado a apresentar a sua metodologia em instituições como a Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação, que considerou este projeto uma boa-prática a ser replicada a nível mundial, a Comissão Europeia e o Conselho da Europa.

No próximo ano letivo será também lançado um projeto pedagógico nas escolas de 1.º ciclo, com o objetivo de consciencializar os jovens para a necessidade de prevenção do desperdício alimentar.

Saiba mais sobre esta iniciativa solidária e como participar em http://www.zerodesperdicio.pt. ■

Bolseiros do PFMA com a secretária de Estado da Ciência © Márcia Lessa

Formação Médica Avançada
Um ponto de situação

No dia 15 de abril, esteve reunida na Fundação Calouste Gulbenkian grande parte dos médicos envolvidos desde 2008 no Programa de Formação Médica Avançada (PFMA), um programa doutoral inédito em Portugal, dirigido a médicos interessados em aliar à sua prática assistencial a investigação. Criado pela Fundação Gulbenkian, em parceria com a Fundação Champalimaud, o Ministério da Saúde/ACSS e a Fundação para a Ciência e a Tecnologia, o PFMA abrangeu ao longo das suas quatro edições 39 clínicos no total, num conjunto variado de especialidades.

O reencontro de doutorados e doutorandos contou com a presença de várias personalidades nacionais de relevo na área da Saúde e da Ciência, entre as quais Leonor Parreira, atual secretária de Estado da Ciência e diretora das primeiras edições do PFMA (até 2011), que abriu a sessão. Depois de uma apresentação de João Ferreira (Instituto de Medicina Molecular) sobre o PFMA, em que os jovens médicos presentes foram encorajados a agir como instrumentos de mudança, seguiu-se um painel de discussão presidido por António Coutinho, em que as diversas intervenções – de Fernando Leal da Costa (secretário de Estado da Saúde), Diogo Lucena, José Miguel Caldas de Almeida, Peter Villax, Nuno Sousa, Rui Victorino e António Parreira – contribuíram para identificar os principais obstáculos colocados aos médicos motivados para a investigação, apontando caminhos possíveis para o futuro.

Durante a tarde, Carlos Caldas, diretor da Unidade de Investigação de Cancro da Mama em Cambridge, deu o seu testemunho enquanto médico-cientista, com uma breve exposição do seu trabalho e dos principais artigos publicados, sublinhando no final da sua apresentação que "o mais importante na Ciência é fazer boas perguntas". Seguiu-se a apresentação de comunicações científicas e respetiva discussão, com o encerramento dos trabalhos a cargo de Jorge Soares, diretor do Programa Gulbenkian Inovar em Saúde e atual responsável pela 4.ª e última edição do PMFA. ■

Jazz em Agosto – 31ª edição

Após ter sido distinguido com o* Award for Adventurous Programming 2014 *pelo Europe Jazz Network (EJN), o Festival Jazz em Agosto vai propor, este ano, mais um programa desafiante focado no jazz contemporâneo. De 1 a 10 de agosto, a 31.ª edição apresenta 10 concertos no Anfiteatro ao Ar Livre e sete sessões de filmes documentais no Auditório 3 da Fundação Gulbenkian.

A programação deste ano contará com a presença, entre outros músicos consagrados, de diversos guitarristas e baixistas representativos do jazz contemporâneo, que se apresentam por vários concertos ao longo do festival. O concerto de abertura estará a cargo de **James Blood Ulmer & the Memphis Blood Blues band feat. Vernon Reid**. Pela guitarra de James Blood Ulmer circulam tradições de jazz, *funk*, *blues* e a energia libertadora de Hendrix, combinação única que fez dele o primeiro guitarrista convidado a tocar com Ornette Coleman **[01 AGO, 21H30]**.

O saxofonista britânico **Evan Parker** e o pianista americano **Matthew Shipp**, ambos entusiastas de formações em duo, deixam aqui um testemunho de uma imprevisível comunicação entre dois continentes, duas gerações e dois instrumentos **[02 AGO, 21H30]**.

Marc Ducret Real Thing #3 © Maarit Kytöharju

James Blood Ulmer © Julia Wesely

Segue-se **Ceramic Dog**, o grupo rock mais assumido de **Marc Ribot**, com uma componente experimental marcada pelas presenças de Shahzad Ismaily (baixo elétrico, eletrónica) e Ches Smith (bateria, eletrónica). Marc Ribot cria, em **Ceramic Dog**, uma música verdadeiramente panfletária **[03 AGO, 21H30]**.

Real Thing #3 é o projeto de outro guitarrista presente nesta edição, **Marc Ducret**. Inspirado num texto do escritor Vladimir Nabokov que evoca um labirinto de memórias fragmentadas, **Real Thing #3** apresenta uma formação original de jazz de câmara com três trombones **[04 AGO, 21H30]**.

Lisbon Berlin Trio, liderado pelo guitarrista **Luís Lopes**, é uma formação transeuropeia de músicos de uma mesma geração. O trio, completado pelos alemães **Robert Landfermann** (contrabaixo) e **Christian Lillinger** (bateria), apresenta o seu novo disco no festival **[05 AGO, 21H30]**.

Big Rain explora o espaço entre o silêncio e a explosão através do diálogo improvisado dos músicos **Franz Hautzinger** (trompete quartertone) e **Keiji Haino** (guitarra elétrica, voz). A formação conta ainda com **Jamaaladeen Tacuma** (baixo elétrico) e **Hamid Drake** (bateria) **[06 AGO, 21H30]**.
Joëlle Léandre/Fred Frith/Hamid Drake é um trio inédito constituído para esta edição do Jazz em Agosto. Nesta noite, juntam-se ao guitarrista Fred Frith dois músicos de referência do jazz contemporâneo, Joëlle Léandre e Hamid Drake. Este é o primeiro de três concertos de Fred Frith no festival **[07 AGO, 21H30]**.
O **MMM Quartet** foi criado por iniciativa de **Joëlle Léandre,** depois de se cruzar com Fred Frith e Alvin Curran no Mills College, aos quais se juntou ainda Urs Leimgruber. Este quarteto surpreende com sonoridades vindas de toda a música moderna experimental, da música improvisada à música composta, acústica, eletroacústica e eletrónica **[08 AGO, 21H30]**.
Massacre é a formação criada em 1980 pelo guitarrista Fred Frith e o baixista Bill Laswell, que foi reformulada em 1998 com a chegada do baterista Charles Hayward. **Massacre** tem três álbuns editados pela *label* Tzadik, de John Zorn, e é um projeto que se equilibra entre a energia do rock e a improvisação do jazz **[09 AGO, 21H30]**.
LUME – Lisbon Underground Music Ensemble encerra o Jazz em Agosto 2014. Esta big band de jazz apresenta as composições ecléticas do seu compositor e líder, Marco Barroso, que deambulam entre sonoridades rock, jazz, funk e música contemporânea **[10 AGO, 21H30]**.

Filmes no auditório 3

Complementando a programação, o festival propõe ainda sete sessões de cinema documental no Auditório 3 da Fundação Calouste Gulbenkian:

Ceramic Dog © Barbara Rigon

Big Rain © DR

The Soul of a Man, de Wim Wenders (2003) é o primeiro dos sete filmes que compõem a série televisiva *The Blues*, produzida por Martin Scorcese, com testemunhos de Shemekia Copeland, James Blood Ulmer, Lou Reed, Nick Cave e Marc Ribot, entre outros. Este filme será exibido duas vezes **[01 E 02 AGO, 18H]**.
The Breath Courses through us, de Alan Roth (2014) é um filme documental comemorativo do 50.º aniversário do New York Art Quartet. As primeiras imagens do filme assinalam a digressão que celebrou o 35.º aniversário de formação e que passou pelo Jazz em Agosto em 2001 **[06 AGO, 18H]**.
Dancing To a Different Drummer, de Julian Benedikt (1993--1994) aborda a música e o percurso do baterista Chico Hamilton, companheiro de Dexter Gordon ou Charles Mingus, que atuou no Jazz em Agosto 1996 com a sua banda Euphoria **[07 AGO, 18H]**.
Basse Continue, de Christine Baudillon (2008), é um retrato intimista da contrabaixista Joëlle Léandre, presente nesta 31.ª edição do festival e uma das artistas mais importantes da música improvisada **[08 AGO, 18H]**.
Step across the Border, de Nicolas Humbert e Werner Penzel (1990), premiado melhor Documentário dos European Film Awards de 1990, é um filme experimental em que a música de Fred Frith, na época do projeto Keep the Dog, é o único fio condutor para as imagens que se sucedem **[09 AGO, 18H]**.
A fechar a programação é exibido o documentário ***Terje Rypdal & The Chasers no Jazz em Agosto 1985***, um concerto gravado pela RTP na 2.ª edição deste festival **[10 AGO, 18h]**. ■

O Jazz em Agosto lança ainda este ano o álbum de **Pharoah & The Underground**, no âmbito da Jazz em Agosto Series, uma parceria entre a editora discográfica Clean Feed e o Jazz em Agosto. Gravado a 11 de agosto de 2013, ***Spiral Mercury*** é um registo único da colaboração entre Pharoah Sanders, Rob Mazurek e os coletivos São Paulo e Chicago Underground.

© Manuela Marques. Cortesia da artista e da galeria Anne Barrault

Exposição de Manuela Marques em Paris

Até 26 de julho, a Delegação em França da Fundação Gulbenkian apresenta em Paris a exposição de Manuela Marques ***La taille de ce vent est un triangle dans l'eau*** (O tamanho deste vento é um triângulo na água), que reúne uma parte significativa do trabalho fotográfico mais recente da artista portuguesa. No total serão apresentadas cerca de 30 imagens, de diferentes dimensões. "São imagens que acentuam algumas das principais motivações que têm atravessado a produção artística de Manuela Marques desde meados da década de 90, quando através da fotografia e do vídeo foi investindo num imaginário fortemente subjetivo, poético e intimista", afirma Sérgio Mah, comissário da exposição.

Manuela Marques trabalha habitualmente o retrato, a natureza-morta, a paisagem, e recorre aos mais diversos temas (árvores, pedras, corpos, gestos, objetos, pormenores arquitetónicos e fragmentos da natureza) para extrair de situações reais pormenores que revelam novas perceções.

A artista nasceu em Portugal em 1959, mas vive e trabalha em França, onde o seu trabalho é regularmente exposto. Em 2011 foi vencedora do Prémio BES Photo e é representada por galerias em Paris, Lisboa e São Paulo. ■

Conferência de Edgar Morin

Edgar Morin esteve na Delegação em França da Fundação Gulbenkian, no dia 15 de abril, para uma palestra realizada no âmbito do ciclo de conferências "Pensar global", uma parceria com o Collège d'études mondiales – Fondation maison des sciences de l'homme.

O sociólogo e filósofo, *honoris causa* de inúmeras universidades em todo o mundo, propôs na sua intervenção um conceito não de pensamento completo mas de pensamento complexo. "O que está em causa é distinguir os objetos e ligá-los, ao contrário do que tem sido o modo dominante do pensamento ocidental, assente na separação entre o sujeito e os objetos, que se mostra incapaz de descrever a emergência de novas propriedades", afirmou o pensador perante um auditório cheio. Edgar Morin é atualmente diretor emérito de investigação no CNRS. Aos 92 anos, continua a trabalhar sobre a antropologia contemporânea, a epistemologia e a reforma do pensamento, influenciando toda a reflexão contemporânea. ■

Utopias na *Colóquio/Letras*

As utopias escritas em português são o tema principal do número de maio da *Colóquio/Letras*. A revista abre com uma bem-humorada e ilustrativa ficção de Fátima Vieira, construída à volta de um descendente do célebre Rafael Hitlodeu, de Thomas Morus. Dois utopistas portugueses dos séculos XVIII-XIX – Rodrigues da Costa e Manuel de Figueiredo – e as suas "viagens" à Lua são apresentados por Maria Luísa Malato. Jorge Bastos da Silva revela as contradições do escritor e investigador João Medina, que considera não haver utopias portuguesas, sendo ele autor de uma delas. Por seu lado, José Eduardo Reis examina a relação entre utopismo literário e literacia ecológica e Maria Isabel Donas Boto conta a história de duas cidades renascidas das cinzas.
Como é habitual, a Colóquio apresenta as secções de crítica, ensaio e poesia. De entre as muitas colaborações e textos, destaque para a tradução de *A vida de Maria* de Rainer Maria Rilke, por Yvette K. Centeno.
Os desenhos da capa e do interior pertencem à série **Metamorfoses do Tempo** da autoria de Emília Nadal. O número é acompanhado de uma separata sobre a literatura e a cibercultura. ■

A Poesia está na Rua

A pretexto do 40.º aniversário do 25 de Abril, a Galeria Municipal Almeida Garrett, situada nos jardins do Palácio de Cristal, no Porto, acolhe a exposição ***A Poesia está na Rua***, título de um célebre obra da autoria de Maria Helena Vieira da Silva pertencente à coleção do CAM e que se tornou um dos maiores ícones gráficos do 25 de Abril. Esta obra, emprestada para a ocasião, é uma das 37 telas que compõem a mostra, onde se incluem não apenas obras da pintora como também vários retratos de Vieira da Silva criados pelo marido, Arpad Szenes. Com curadoria de Raquel Henriques da Silva, a exposição, que decorre até dia 22 de junho, vai também apresentar um cartaz comemorativo do 40º aniversário do 25 de abril da autoria do artista plástico Pedro Cabrita Reis.
A esta mostra segue-se, no mesmo espaço Present Tense – Fotografias do Sul da África, uma exposição organizada pelo Programa Próximo Futuro da Fundação Gulbenkian com curadoria de António Pinto Ribeiro e que esteve patente em 2013 na Sede da Fundação e na sua Delegação em Paris. ■

Repensar a Europa

Este ano, a Assembleia-Geral do Centro Europeu de Fundações (EFC) centrar-se-á nos temas da solidariedade, sociedade civil e governança política sob o lema "Repensar a Europa".
Sarajevo é a cidade escolhida para os três dias da conferência – 15 a 17 de maio – como lugar onde se cruzam várias civilizações, mas também como símbolo de paz, esperança e tolerância.
Mais de cinco centenas de entidades e fundações, entre as quais a Fundação Gulbenkian, estarão reunidas para discutir a renovação social e económica, reconciliação, saúde, educação, artes, e outros temas comuns às muitas instituições filantrópicas europeias. ■

*Rui Monteiro | 25 anos | Iluminação e Som **

A Europa cada vez mais perto

O que o fascina no teatro?
A comunicação, a partilha, a construção de um projeto, o trabalho desenvolvido em grupo através da mistura das diversas áreas.

O que o levou a interessar-se pela iluminação cénica?
Um acaso. Fui para a ACE – Academia Contemporânea do Espetáculo, no Porto, para o curso de Luz e Som. Fui com a ideia de estudar sonoplastia, mas tive a felicidade de conhecer um grande professor e desenhador de luz que me fez conhecer a iluminação cénica.

O que espera do estágio na [companhia de teatro] Robert Wilson?
Estou seguro de que terá um impacto determinante no meu percurso profissional. Tenho trabalhado sobretudo junto de companhias e encenadores nacionais, em projetos com uma visão artística contemporânea, esteticamente arrojados e onde predomina a valorização da imagem e a transdisciplinaridade entre as artes. Com este estágio, espero aumentar as minhas capacidades e valências, mas também consolidar as minhas competências artísticas no domínio da criação do desenho de luz.
Penso que a aplicação das competências adquiridas ao longo do estágio me permitirão desenvolver um trabalho de maior impacto e qualidade junto de companhias nacionais ou mesmo internacionais.
Gostaria de poder contribuir para que o trabalho artístico em Portugal pudesse ser visto por um público mais alargado, mas em simultâneo mais aberto à inovação e criatividade, e que aquele se desenvolvesse para além das grandes cidades de Lisboa e Porto.
Julgo ainda que o contacto com Robert Wilson me permitirá concretizar um projeto antigo de alargar o desenho de luz a outras artes que não o teatro, nomeadamente a arquitetura e a instalação.

O seu projeto permite-lhe nunca estar fixo na mesma cidade. Que percurso fez até agora?
Comecei por Berlim, estive na Roménia (Craiova) a desenvolver o projeto Rinoceronte de Eugene Ionesco e, neste momento, estou na República Checa (Praga) com o espetáculo 1914. O projeto passa por várias cidades com diferentes espetáculos – Berlim, Copenhaga, Paris e Moscovo. Na realidade os projetos, assim como os destinos, estão sempre a ser alterados devido a questões de produção e a equipa tem de se adaptar às mudanças. Muitas vezes está programado ir para um sítio e acabamos por ir para outro à última hora. Existe ainda a possibilidade de visitar Nova Iorque. Esta oportunidade que a Fundação Calouste Gulbenkian e a equipa do Robert Wilson me concederam faz com que o meu enriquecimento cultural seja mais vasto do que a estagnação numa só cidade (ainda que em muitas cidades não tenha tido a oportunidade do conhecer mais do que o

teatro e o hotel). Mas o contacto com outras culturas tem sido uma experiência fabulosa e enriquecedora.

Foi quatro vezes campeão nacional de andebol. Chegou a pensar enveredar pelo desporto em vez das artes?

Sim, por momentos. Mas, na verdade, sempre estive muito ligado às artes e existem alturas na vida em que é preciso fazer escolhas. Graças ao andebol aprendi o valor do trabalho, da dedicação, a importância da perseverança, do estímulo, da motivação, da luta, do método e do trabalho em equipa. Todo este processo de crescimento individual, com pensamento no coletivo, fizeram de mim aquilo que sou. E isso, aplicado no trabalho que faço, possibilitou-me um crescimento muito grande.

Onde se imagina daqui a 10 anos?

Espero continuar a trabalhar nesta área, a desenhar luz saltando de projeto em projeto. E que acima de tudo seja reconhecido pela minha estética e visão artística.

Espero também estar a viver no Porto e fazer espetáculos por vários países. A Europa está cada vez mais próxima, vou a Paris no mesmo tempo em que me ponho em Lisboa. Adoro viajar e a ideia de poder trabalhar fora do país. Mas a verdade é que adoro viver em Portugal.

Falo no Porto porque, para além de poder ter uma grande qualidade de vida, é o único local do país onde existem escolas/universidades que têm o curso de iluminação dedicado ao teatro, que valorizam a minha profissão como um trabalho artístico. Crescer, aprender e ser desafiado pelas novas gerações é um dos meus sonhos. Poder estar próximo e atento a novas pessoas será uma mais-valia para o crescimento do meu trabalho. Só assim posso pesquisar permanentemente e não estagnar enquanto artista.

Nuno Meira, um excelente desenhador de luz, é uma grande referência artística e humana para mim. Acreditou, apostou e abriu portas ao meu crescimento. Um objetivo para daqui a 10 anos é continuar a ser reconhecido e valorizado pelo meu trabalho, abrindo caminhos a outros que queiram seguir esta área. ■

**Bolsa de Estudo- Estágio na Robert Wilson, Berlim*

Rising Stars 2013/2014 © Susana Sanromán

Rising Stars
Estrelas em ascensão na Gulbenkian Música

Leticia Muñoz Moreno nasceu em Madrid, começou a aprender violino com três anos de idade e é uma das jovens estrelas que atuará, este mês, no Grande Auditório da Fundação Gulbenkian, juntamente com outros músicos europeus de excelência em início de carreira. Atualmente com 29 anos, Leticia foi selecionada para o programa **Rising Stars**, uma iniciativa da **European Concert Hall Organisation (ECHO)**, organização que associa as principais salas de concerto europeias e que conta com a Fundação Gulbenkian e a Fundação Casa da Música como os seus membros mais recentes.

Ao todo são seis os intérpretes ou conjunto de intérpretes, escolhidos anualmente pelos diretores artísticos da ECHO, a quem é dada a oportunidade de apresentar um recital com um reportório da sua escolha nas salas de espetáculos dos membros da organização.

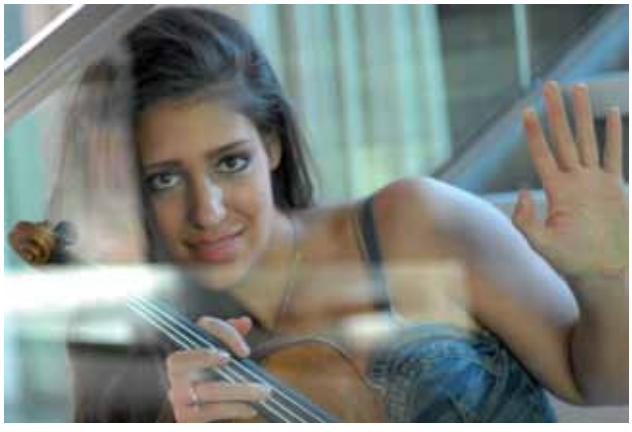
Leticia, que atua no **sábado, dia 10, às 12h30** no Grande Auditório da Fundação Gulbenkian, foi a artista proposta pelo **L'Auditori Barcelona** e pelo **Palau de la Música Catalana** e vai interpretar, acompanhada da pianista Ana-Maria Vera, a sonata *Kreutzer* de Beethoven, duas obras de Ravel – a 2.ª Sonata e a rapsódia *Tzigane* –, e ainda uma composição de Enrique Granados. Não sendo uma desconhecida no meio musical internacional (tocou com algumas das principais orquestras e maestros mundiais, entre as quais a Orquestra Simon Bolivar, dirigida por Christian

Vásquez), Leticia diz que fazer parte dos Rising Stars é um sonho para qualquer jovem artista. Não só pelo reconhecimento que constitui, mas sobretudo por abrir as portas de grandes palcos europeus, dando aos intérpretes a possibilidade de interagir com diferentes públicos. Apesar de considerar que quase todas as peças que toca são, de algum modo, as suas favoritas, traz na bagagem três partituras especiais que ocupam um lugar ímpar no seu top de preferências.

Um fim de semana intenso

É ao **Quarteto Voce**, a formação indicada pela **Cité de la Musique**, em Paris, que cabe abrir esta série de recitais, no **dia 9, sexta-feira, às 21h30**. Os seus membros – Sarah Dayan, Cécile Roubin, Guillaume Becker e Florian Frère – não escondem o entusiamo pela oportunidade de conhecer novas cidades e de tocar em prestigiados auditórios. Para além do reportório habitual para quarteto de cordas, este grupo tem-se dedicado a outros projetos menos convencionais, tocando em espetáculos com projeção de filmes mudos, ou apresentando-se em conjunto com bailarinos contemporâneos ou com cantores folk. Neste recital interpretam o Quarteto em si bemol maior, op.67 de Johannes Brahms e uma nova obra do compositor francês Bruno Mantovani.

O **Trio Van Baerle**, constituído por Maria Milstein (violino), Gideon der Herder (violoncelo) e Hannes Minnaar (piano), é uma escolha do **Concertgebouw Amsterdam** e do ***Bozar*** de Bruxelas e atua no **dia 10, sábado, às 14h30**. Com músicos formados pelo Conservatório de Amesterdão, este trio tem vindo a destacar-se no seu país de origem, tendo sido convidado a atuar no Concertgebouw em março de 2011. Maria Milstein, nascida em Moscovo e a viver em Amesterdão, sublinha que esta iniciativa constitui uma excelente oportunidade para alargar o âmbito de atuação do grupo às mais emblemáticas salas europeias. No Grande Auditório da Fundação, a formação interpreta os Trios com Piano em si bemol maior op.97 de Beethoven e n.º4 em mi menor de Dvorak.



Leticia Muñoz Moreno

Pablo Held Trio © Steve Brookland

A abrir o programa de domingo, **dia 11 às 16h**, estará **János Balázs Jr.**, pianista húngaro sugerido pelo **Palácio das Arte de Budapeste**. János diz-se feliz por poder participar nesta digressão, destacando a importância desta iniciativa para a sua carreira. Falando de si, o artista revela: "Quando toco, é paixão, sentimento, alma. Não toco apenas o que o compositor escreveu, estou lá eu também." Quanto ao reportório que vai apresentar, considera-o difícil e bastante abrangente, incluindo obras de Liszt, Chopin, Beethoven, Schubert, Ravel e Dubrovay

O concerto seguinte – **domingo, dia 11 às 19h** – é protagonizado pelo clarinetista grego **Dionysis Grammeno**, que chega a Lisboa proposto pela Sala de **Concertos de Atenas, Megaron**. O artista afirma que, com esta participação nos Rising Stars, está a levar também um pouco da cultura grega, explicando que segredo da sua arte está em apenas sentir (e nunca pensar) e em conseguir guiar o som para o instrumento através de perfeita conexão com o seu corpo. Dionysios tocará, acompanhado da pianista Karina Sposobina, obras de Chopin, Schumann, Rachmaninov, Fauré, Bassi, Giacomma e Sarasate.

A encerrar este pequeno festival de jovens estrelas estará a única formação de jazz selecionada: o **Pablo Held Trio**, uma escolha conjunta do **Festspielhaus Baden-Baden**, **Konzerthaus Dortmund**, **Laeiszhalle Elbphilharmonie Hamburg** e **Kölner Philharmonie.** Constituído por Pablo Held (piano), Robert Landfermann (contrabaixo) e Jonas Burgwinkel (bateria), o trio atua no **domingo, dia 11, às 21h**, tocando unicamente temas compostos pelo líder da banda, Pablo Held. O grupo vê nesta participação um aliciante desafio, até porque alguns dos palcos que vão pisar estão menos familiarizados com a música de jazz. Não será o caso da Fundação Gulbenkian, que, desde 1983 acolhe o festival Jazz em Agosto. ■

O **Quarteto de Cordas de Matosinhos**, constituído por Vítor Vieira e Juan Maggiorani (violinos), Jorge Alves (viola) e Marco Pereira (violoncelo) foi selecionado pela Fundação Gulbenkian e pela Casa da Música para o programa Rising Stars em 2014-15.

Múltiplos olhares

Quatro das cinco exposições presentes nos espaços do Centro de Arte Moderna e do Museu Calouste Gulbenkian encerram no dia 18 de maio, o Dia Internacional dos Museus. A exposição de fotografia de Pieter Hugo continuará até dia 1 de junho.

Cinco olhares diferentes registados na imprensa e pela voz dos artistas.

Aspeto da exposição de Rui Chafes © Paulo Costa

Até 18 de maio

Aspeto da exposição © Paulo Costa

RUI CHAFES
O Peso do Paraíso

Curadoria Isabel Carlos
CAM

"São mais de 100 peças numa exposição que percorre 25 anos. O Peso do Paraíso é a primeira retrospetiva de Rui Chafes em Portugal. Ele, que tinha 26 anos quando o disseram um génio, tem agora 47. E pede tempo – quer que esperemos para ver o que faz aos 100. Há artistas assim, completos. São poucos."
Vanessa Rato, *Público*

"Acredito, como os antigos, que deve haver um significado único e superior por detrás de cada erva, flor, nuvem que passa ou criança que nasce. Para mim, a arte deve ser o espelho dessa íntima relação, desse encantamento, dessa magia. Estou farto da lógica horizontal que nos impõe um olhar conformado sobre a banalização do mundo."
Rui Chafes

Aspeto da exposição © Paulo Costa

JOÃO TABARRA
Narrativa Interior

Curadoria Sara Antónia Matos
CAM

"Há algum artista paradigmático da geração que emergiu durante os anos 90? Talvez não haja, mas, a haver, o seu nome é João Tabarra. Aos 47 anos, este orgulhoso filho do bairro lisboeta de Alfama inaugurou a sua primeira exposição antológica, no Centro de Arte Moderna. É uma oportunidade de revisitar os últimos 20 anos de uma produção artística com uma componente política decisiva."
Celso Martins, *Expresso*

"Gosto muito de trabalhar em zonas que aparentemente estão devastadas, mas que são sobretudo zonas não resolvidas. São os arrabaldes, zonas de exclusão, onde a arquitetura não chegou, onde não se cria comunidade. Fica uma terra de ninguém que, para a dimensão ficcional, é um espaço completamente livre."
João Tabarra

Nadia Kaabi-Linke, *Smooth Criminal*, 2012 © Paulo Costa

NADIA KAABI-LINKE
Preso por Fios
(6 a 18 de maio)

Curadoria Isabel Carlos
CAM

"As guerras que passam no telejornal afetam-nos menos do que suspeitarem de que somos terroristas quando só queremos apanhar o avião. Esta convicção é a base de *Preso por Fios*, primeira exposição em Portugal da tunisina Nadia Kaabi-Linke, que se apoia na vida pessoal para criar esculturas e vídeos sobre mecanismos invisíveis que invadem a nossa privacidade e controlam o todo social."
Revista *Sábado*

"Descrevo o meu trabalho como uma arqueologia da vida contemporânea."
Nadia Kaabi-Linke

Aspeto da exposição © Tiago Paixão

OS CZARES E O ORIENTE
Ofertas da Turquia e do Irão no Kremlin de Moscovo

Curadoria Inna Vishnevskaya, Olga Melnikova, Elena Yablonskaya
Museu Calouste Gulbenkian

"Entra-se numa extraordinária arca de joias: a sala negra, os expositores escarlates, a luz encenada, tudo faz refulgir o valiosíssimo acervo da exposição *Os Czares e o Oriente [...]* O labirinto de objetos adormecidos é uma narrativa de glória, guerra, intriga e religião."
Revista *Visão*

Até 1 de junho

Da série Permanent Error © Pieter Hugo, Cortesia Stevenson Gallery, Cidade do Cabo-Joanesburgo / Yossi Milo Gallery, Nova Iorque

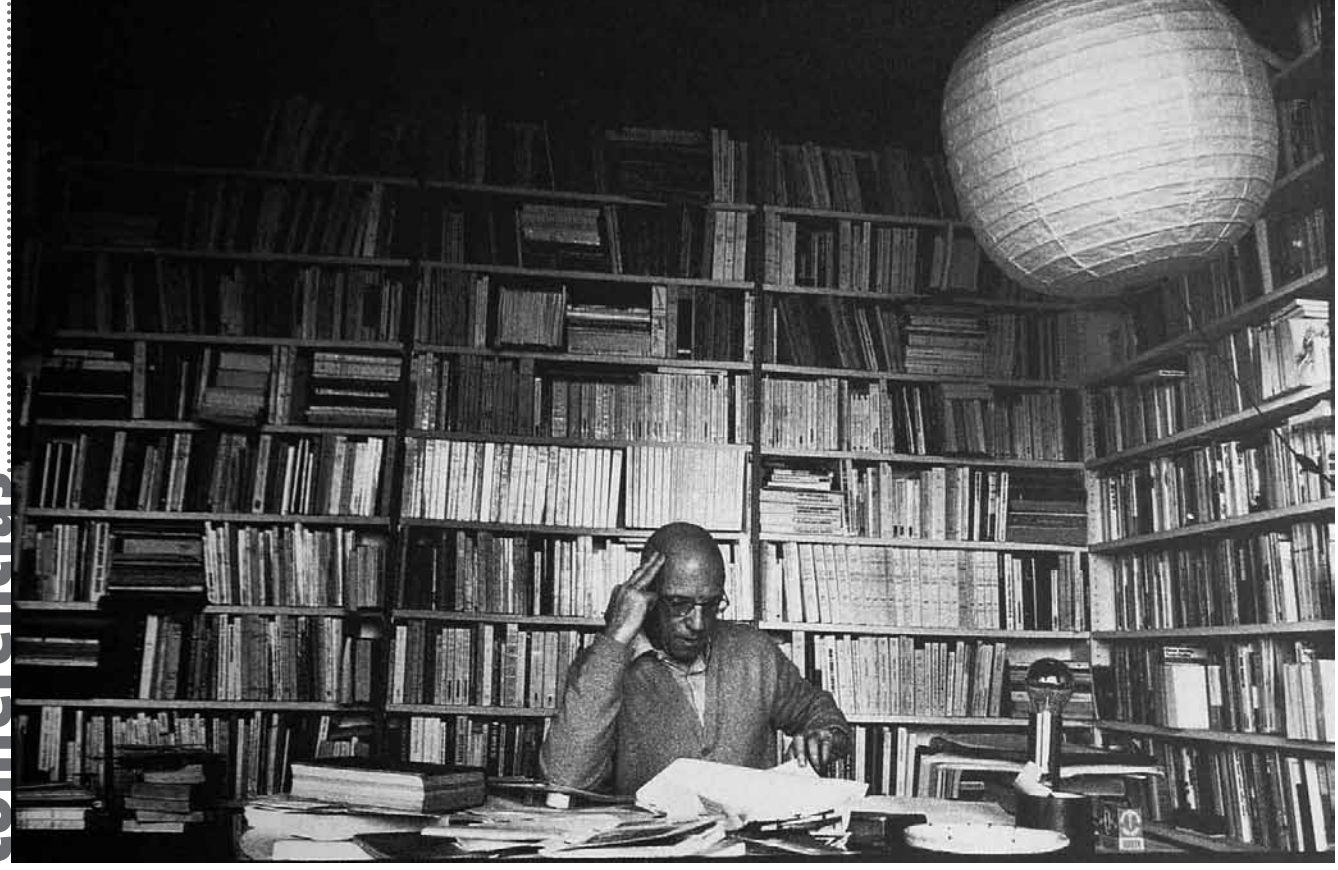
PIETER HUGO
Este é o Lugar / This Must be the Place

Curadoria Wim van Sinderen
Edifício Sede

"É para abalar a ordem com que vemos o mundo, é para provocar desconforto, que Pieter Hugo trabalha. Com uma carreira de pouco mais de uma década, aventurou-se numa retrospetiva onde percorre o comércio global, a violência, os preconceitos ligados à cor da pele, o legado do pós-colonialismo na África do Sul. Em *This must be the place*, há mais dúvidas do que certezas. Há muitas inquietações. Há desconforto."
Sérgio B. Gomes, *Público*

"Sim, procuro provocar desconforto. Em absoluto. É aquilo que mais procuro fazer. Acho as coisas que são belas em seu próprio benefício absolutamente revoltantes."
Pieter Hugo

Imagens e vídeos em **www.gulbenkian.pt**



Michel Foucault

A crítica do Estado encerra ciclo Novos Poderes

Este mês termina o ciclo de debates Novos Poderes com uma sessão dedicada ao tema *A Sociedade contra o Estado e o Cuidado de Si. Emancipação, Perspetivismo Ameríndio e Pós-Colonialismo*. Ao longo de vários meses, foram discutidas experiências históricas e atuais que contribuem para a inventariação de diferentes tipos de relações de poder, num programa que atravessou os domínios da arte e da cultura, mas também da política e da economia. Partindo da crítica do Estado como elemento constituinte de várias tradições político-ideológicas, para o último debate do ciclo serão convocados autores como Michel Foucault, para sublinhar que a crítica neoliberal do Estado não implica apenas o domínio estrito da economia mas, desde logo, as formas das relações de poder nos mais vastos domínios da vida, mas também os antropólogos Pierre Clastres e Eduardo Viveiros de Castro, para recolocar em novos termos a questão indígena, em particular no caso dos povos ameríndios.

"É na interseção entre esta antropologia de inspiração anarquista e os contributos de Foucault para a história do liberalismo, e do que designou como 'cuidado de si', que este debate encerra o nosso ciclo", afirma-se na apresentação deste encontro, marcado para o **dia 24 de maio** e para o qual são convidados do Próximo Futuro e da associação Unipop, coorganizadores do ciclo, os investigadores de Filosofia **Orazio Irrera**, da Université Paris 7-Denis Diderot, e **Davide Scarso**, do Centro de Filosofia da Ciência da Universidade de Lisboa.

Orazio Irrera tem trabalhado sobre figuras e pensadores como Gandhi, Edward Said e Foucault. Dirige atualmente o seminário "Race et colonialisme. Sur les épistémologies de la décolonisation", no Collège Internationale de Philosophie, e é editor da revista *Materiali Foucaultiani*. Davide Scarso está a desenvolver o seu projeto de pós-doutoramento subordinado ao tema "A Clivagem entre Natureza e Cultura no Pensamento Antropológico Contemporâneo e a sua Relevância para a Filosofia". As suas áreas de trabalho são Filosofia das Ciências Sociais, Teorias Antropológicas, Fenomenologia, Estruturalismo. O também investigador de Filosofia, **Bruno Peixe Dias**, será o comentador da sessão. ■

www.proximofuturo.gulbenkian.pt/observatorio

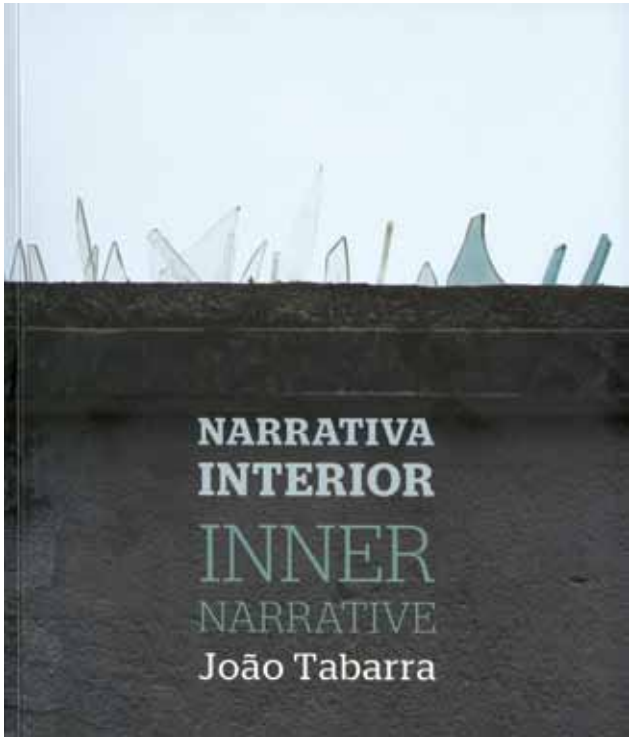
Novos Poderes

Observatório de África, América Latina e Caraíbas

24 maio, 15h, Auditório 3 – entrada livre

A SOCIEDADE CONTRA O ESTADO E O CUIDADO DE SI

Emancipação, Perspetivismo Ameríndio e Pós-Colonialismo



Percursos de uma exposição

A paisagem poderia ser idílica, mas a praia deserta tem apenas dois personagens: o autor e a fada que o acompanha, ligados por um longo manto que parece prendê-los. Esta é uma das obras de João Tabarra, incluída numa série dedicada às fadas, "personagens paradigmáticas, enigmáticas e andróginas que povoam o universo do artista", como escreve a curadora desta exposição. Sara Antónia Matos diz que as fadas trazem consigo "um misto de fantasia e terror" típico dos contos de fadas, mas que o artista não pretende recriar uma história encantada. O seu universo é muito mais complexo e multifacetado.

Narrativa Interior, exposição antológica que mostra duas décadas de trabalhos, é também uma forma de o artista mostrar que "atrás de cada imagem se abre um universo vasto, uma narrativa interior – retrato possível de alguém", escreve a curadora sobre a exposição que pode ser vista no CAM. Neste livro-catálogo, em português e em inglês, além do prefácio da administradora da FCG Teresa Gouveia, são publicados dois textos sobre a obra de João Tabarra, da autoria de Sara Antónia Matos e de Agnes Kohlmeyer. Reproduzindo imagens das obras patentes na exposição, inclusive *stills* dos filmes, o livro guia-nos no universo do artista e nas suas inquietações.

Obras de 2013 como *Inner Landscape, ensaio cartográfico para uma narrativa*, realizada especificamente para esta exposição, podem ser vistas de par com outras bem mais antigas e que registam o passar do tempo e as mudanças no mundo. Uma das imagens mostra um homem dentro de água, numa boia, pés assentes no chão de uma piscina vulgar num hotel deserto. Este homem empunha uma pequena bandeirola da União Europeia, símbolo de um sonho acabado, num ano em que Portugal via desvanecer-se o *el dorado* europeu. A narrativa de João Tabarra é também um pouco sobre nós, numa história cheia de dissimulações, subtilezas, revelações e desilusões.

Ainda pode ver estas obras no CAM até ao dia 18 deste mês, ou neste livro-catálogo disponível nas livrarias da Fundação Gulbenkian. ■

Outras Edições

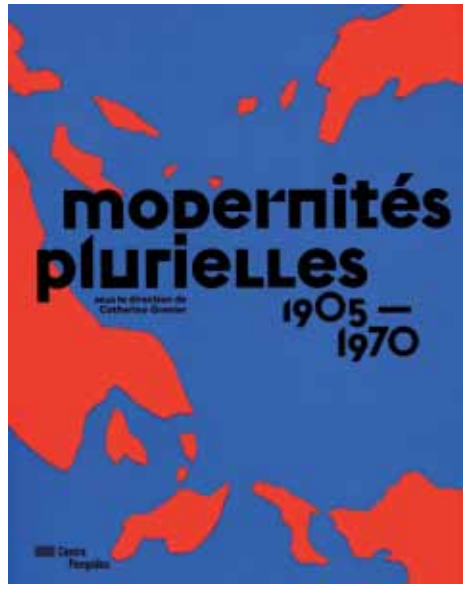
LATIM MEDIEVAL
Maria Helena da Rocha Pereira

O ORDENAMENTO DO TERRITÓRIO COMO POLÍTICA PÚBLICA (2ª edição)
João Ferrão

Catálogos de Exposições na

Biblioteca de Arte

A exposição *Modernités plurielles* 1905-1970 (3 de outubro de 2013 - 26 de janeiro de 2015) trata-se na realidade de uma nova apresentação das coleções do acervo do Musée national d'Art moderne – Centre Pompidou (Paris). Segundo as palavras de Catherine Grenier, curadora responsável pela sua realização, ela "rompe com longos consensos à volta de uma história unificada, linear e progressista, proposta com ligeiras variações, por todos os museus ocidentais" e deseja contribuir para a elaboração de uma nova visão, geograficamente mais abrangente e mais aberta a distintas e multifacetadas expressões artísticas. O nome *Modernités plurielles* (modernidades plurais) sublinha não só esse desejo de releitura crítica da modernidade ocidental, necessária e urgente no atual contexto de globalização, como também o desejo de revelar a existência de diversas modernidades paralelas em diversas latitudes. Mostram-se cerca de 1000 obras – das quais 200 expostas pela primeira vez –, de 400 artistas de 47 países, onde se incluem não só aqueles cuja obra já foi legitimada pelo discurso da historiografia da arte, mas também, e sobretudo, muitos outros que têm sido dele afastados, negligenciados e esquecidos, vindos de zonas geográficas até recentemente consideradas marginais e periféricas à criação artística, como a América Latina, a África, o Médio Oriente, a China e o Japão, mas também da Europa, como é o caso de Amadeo de Souza Cardoso. O catálogo-livro que a acompanha é coordenado por Catherine Grenier e, tal como a exposição, resulta do programa de investigação "Recherche et mondialisation" (investigação e mundialização) que juntou curadores do Centre Pompidou, de outros museus franceses e investigadores da Universidade Paris-1. Os 19 capítulos/seções temáticas, ilustrados, são da sua autoria. Completam-no uma cronologia e a lista das obras reproduzidas. Se a exposição pode ser considerada com uma "exposição-manifesto", o seu catálogo pode considerar-se como uma leitura nova e alternativa da história da arte mundial do século 20. ■



Em Novembro de 1990, a National Gallery of Art (Washington) inaugurou uma exposição cuja temática era a representação da mulher na gravura produzida entre 1460 e o final do século 17, por artistas italianos, alemães, suíços, holandeses e flamengos. Para além documentar a evolução dos processos técnicos da gravura, através das cerca de 150 obras expostas os visitantes puderam igualmente observar como nelas a representação da imagem se refletia em dois polos opostos: Eva, a mulher do pecado e a Virgem (Ave,) a mulher imaculada.

O catálogo que dela ficou contém sete partes - "Heroines and worthy women" (heroínas e mulheres dignas); "The Virgin and the saints" (A Virgem e os santos); "Eve" (Eva); "Vénus); "The power of women" (O poder das mulheres); "Lovers, lovers with death" (Amantes, amantes com morte) e "Fortune and prudence" (Fortuna e prudência) – contendo um texto e as fichas de cada obra exposta, com a respetiva ilustração. ■

uma obra

Museu Calouste Gulbenkian

Peitoral "Pavão"
René Lalique

De entre o bestiário que René Lalique convoca na sua obra, o pavão é um dos animais recorrentes, quer isolado como aqui, quer aos pares, tanto na joalharia como nos outros suportes por ele trabalhados. Na própria Coleção Gulbenkian é exemplo um pendente um pouco mais tardio onde, sobre uma opala circular, se erguem, afrontados, dois pavões pousados em ramagens.

Esta ave, um elemento decorativo por excelência, foi representada em múltiplas culturas com diferentes valores simbólicos, tanto podendo significar ressurreição – perde as penas que renascem – como ser imagem da soberba.

Obra maior na pintura simbolista contemporânea de Lalique, exemplo por excelência da beleza natural em todo o seu esplendor, é a decoração parietal que Whistler fez para a Peacock Room, na Freer Gallery de Washington.

Este peitoral, de consideráveis dimensões, é constituído por um pavão articulado em ouro esmaltado em tons de azul e verde, cores da preferência do artista, simulando as penas da ave, ponteadas aqui e ali por pequenas opalas em cabuchão, de formato ovalado. A opala, pedra a que eram atribuídos efeitos malévolos, é assim recuperada por Lalique, que a utiliza frequentemente nas suas joias, sobretudo entre 1898 e 1903.

As penas da cauda do pavão, que se enrolam em torno do seu corpo virado sobre a esquerda, em movimento sinuoso, são ainda enriquecidas por uma equilibrada composição de diamantes, de diversas dimensões, que rematam a peça de ambos os lados.

Joias estética e tecnicamente espetaculares como esta eram usadas essencialmente por uma elite do meio intelectual e artístico em que dominavam figuras como a condessa de Béarn, Liane de Pougy ou a "divina" Sarah Bernhardt, amiga de René Lalique. Para esta celebrada atriz criou o mais inventivo joalheiro da sua época inúmeras joias e adereços de teatro e terá sido através dela que René Lalique e Calouste Gulbenkian se conheceram. ■

Maria Fernanda Passos Leite

PEITORAL "PAVÃO"
René Lalique (1860-1945)
Ouro, esmalte, opalas e diamantes
c. 1898-1900
Assinado LALIQUE, em baixo ao centro
Alt. 9,2 x Larg. 18,7 cm
Peça única. Adquirida ao artista em 1900.
Inv. nº 1134

Em 2013, o Programa Cidadania Ativa apoiou 54 projetos de 113 Organizações Não Governamentais e parceiros, destinados a desenvolver e a fortalecer a sociedade civil portuguesa, no valor de três milhões de euros. Conheça os projetos em **www.cidadaniaativa.gulbenkian.pt**

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

CIDADANIA ATIVA

ICELAND LIECHTENSTEIN NORWAY eea grants